

**O trabalho, o homem e a sociedade:  
uma reflexão filosófica a partir  
de Alceu Amoroso Lima<sup>1</sup>**

**The work, man and society:  
philosophical reflection from Alceu Amoroso Lima**

Prof. Dr. Manoel Vasconcelos<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo trata do problema do trabalho humano, tema relevante no vasto campo da reflexão filosófica, particularmente no âmbito da Antropologia Filosófica e da Filosofia Social, além de sua relevância no campo da ética. Será analisaremos o tema a partir do pensamento de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), o Tristão de Athayde. Considerando o trabalho humano, a partir de um pensador brasileiro, olhar-se-á esta questão, que é universal, a partir de um enfoque mais particularizado. Na vasta obra de Alceu Amoroso Lima encontra-se um livro onde esta reflexão é particularmente apresentada de uma forma clara e única. Trata-se de “O Problema do Trabalho”, obra publicada em 1947. Neste ensaio, além de definir o trabalho, o autor apresenta o que entende ser um ideal social, integrando trabalho manual, intelectual e espiritual. Refletiremos sobre os reflexos de tal concepção no homem e na sociedade.

**Palavras-chave:** trabalho; homem; idade nova; ideal social.

**Abstract**

This paper addresses the problem of human labor, relevant topic in the broad field of philosophical reflection, particularly in the Philosophical Anthropology and Social Philosophy, besides its relevance in the field of ethics. We will analyze the theme from the thought of Alceu Amoroso Lima (1893-1983), the Tristan de Athayde. Considering human labor, from a Brazilian thinker, look at this question that is universal, from a more individualized approach. In the vast work of Alceu Amoroso Lima found a book where this reflection is especially presented in a clear and unique. This is “The Problem of Labor”, published in 1947. In this essay, besides defining the work, the author presents what it

---

<sup>1</sup> Em memória do Prof. Dr. Olívio Plínio Colombo (1937 - 2010), homem bom e justo que me sugeriu estudar a obra de Alceu Amoroso Lima.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de filosofia da Universidade Federal de Pelotas – RS. E-mail: vasconcellos.manoel@gmail.com

means to be a social ideal, integrating manual labor, intellectual and spiritual. Reflect on the consequences of this concept in man and society.

**Keywords:** job; man; new age; ideal social.

O estudo que ora se empreende visa a focar o trabalho humano, aspecto relevante no vasto campo da reflexão da Filosofia, particularmente no âmbito da Antropologia Filosófica e da Filosofia Social, além de sua relevância no campo da ética.

Será feita uma análise do enfoque dado por Alceu Amoroso Lima (1893-1983). Considerando o trabalho humano a partir de um pensador brasileiro, será olhada esta questão, que é universal, a partir de um enfoque mais particularizado. Na vasta obra de Alceu Amoroso Lima, encontra-se um livro onde essa reflexão é particularmente apresentada de uma forma clara e única. Trata-se de “O Problema do Trabalho”, obra publicada em 1947. Nesse ensaio, escrito “de um só jato”, no período compreendido entre dois e dezesseis de fevereiro de 1946, o autor aborda exaustivamente a questão, embora alguns aspectos talvez merecessem uma análise mais aprofundada, esta é uma carência da obra, fruto do afã do autor em escrever, dispensando, quem sabe, uma reflexão mais demorada sobre alguns aspectos.

“O Problema do Trabalho”, possui seis capítulos, precedidos por um Prefácio e seguidos de uma conclusão e um apêndice. No prefácio, Alceu Amoroso Lima fala dos motivos pelos quais se dedica ao problema do trabalho. No primeiro capítulo, intitulado “O Problema e as Falsas Soluções”, o autor deseja mostrar que o problema do trabalho é um realmente complexo e que sobre ele pairam soluções errôneas. No capítulo segundo, “Natureza, Conceito e Definição do Trabalho”, parte do que não seja trabalho, para chegar ao que ele realmente é. Alceu aborda, no terceiro, “O trabalho e o Homem” os aspectos antropológicos do trabalho humano, chamando a atenção para o que seria o ideal de uma autêntica civilização trabalhista. No capítulo quarto, intitulado “O Trabalho e a Sociedade” o autor fala da possibilidade de uma regeneração através das diversas civilizações que a história viu nascer e morrer. No capítulo quinto, “Capitalismo e Socialismo”, analisa os dois sistemas, bem como a relação de ambos

com a Igreja. Apresenta o cristianismo social, como sendo um caminho para se chegar a uma democracia trabalhista. No sexto capítulo, “A Solução do Problema” fala da posição cristã em face do problema do trabalho. Na conclusão, chama a atenção para o papel dos católicos na construção de uma autêntica civilização trabalhista. No apêndice dessa obra escrita de modo especial para os católicos, Alceu apresenta três textos: o primeiro, intitulado “Novos Tempos”, é uma oração pronunciada no Teatro Municipal de São Paulo, numa concentração da Liga Eleitoral Católica, em setembro de 1945. O segundo texto, “Em defesa da L.E.C.”, consiste num discurso que o autor pronunciou no Teatro Municipal de São Paulo em janeiro de 1947; o terceiro e último texto, “Igreja e Democracia” é uma conferência promovida pelo Instituto Interaliado de Alta Cultura, no Palácio Itamarati, em dezembro de 1946. Nos textos transparece a contribuição que, segundo Amorooso Lima, a Igreja deve dar à nova e emergente civilização do trabalho, que só pode efetuar-se num regime democrático.

A obra em questão situa-se no período em que Alceu Amorooso Lima abandona a fase, mais “conservadora” de seu pensamento, distanciando-se da influência de Jackson de Figueiredo. Nesse ensaio, Alceu já esboça uma nova postura diante dos problemas sociais. Isto é fruto da influência de Maritain, dos pronunciamentos de Pio XII e também do próprio contexto histórico do Brasil e do mundo na década de 40. Com efeito, no plano internacional, via-se a II Guerra Mundial, que estabelecia a vitória da democracia e o surgimento de uma nova era, a atômica, que, na opinião do autor, estaria unida a do trabalho: era do trabalho e era atômica seriam as características do mundo surgido das cinzas de 1945.

“O Problema do Trabalho” não pode ser entendido sem que se veja a posição religiosa do autor, que não pretende nesta obra ser um mensageiro oficial da Igreja, mas sim, colocar a posição cristã, católica, em face do problema. A obra é, em grande parte, consequência dos documentos pontifícios sobre a questão social, especialmente sobre o trabalho. A situação histórica concreta mostrava ao autor a pertinência de o trabalho ser colocado

como um tema fundamental. Por isso, sua mais importante obra sobre o tema quer ser “um grito de desabafo”. Alceu Amoroso Lima percebia o contraste entre a miséria e o luxo na sociedade do Rio de Janeiro; notava que a sociedade mudara, não era mais a sociedade colonial de sua infância, onde quase havia identificação entre a estabilidade do mundo físico e do mundo social. Verificava, contudo, que a sociedade brasileira e mundial dos anos 40 era caracterizada pela instabilidade absoluta, evidenciada pela era atômica (recém-inaugurada) e pela forte influência do capitalismo norte-americano e do comunismo soviético.

Alceu nutre a convicção de que a humanidade viverá uma nova era, cujo elemento mais importante será o trabalho, pois este seria o único meio possível para reconstruir a unidade numa civilização dividida. São essas as preocupações e motivações que Alceu Amoroso Lima tem diante de si, ao escrever “O Problema do Trabalho”.

No âmbito do presente artigo, não é possível uma exposição abrangente e sistemática da obra. Deseja-se, tão somente, apresentar as definições de trabalho oferecidas pelo autor, bem como a enunciação daquele que entende ser um “ideal social”. Começa-se pelas definições. Alceu Amoroso Lima fala de uma definição “nominal”, marcada pela generalidade e uma definição “real”, por ele entendida como mais apropriada para dar conta da complexidade que envolve o trabalho. A primeira ressalta o “esforço” presente no trabalho: “O trabalho é o esforço. O trabalho é uma força que se faz para alguma coisa. Trabalhar é fazer força. Trabalhar é ter a iniciativa de alguma coisa e aplicar-se à sua realização<sup>3</sup>”. Desejando precisar melhor em que consiste tal “esforço”, o autor apresenta uma segunda definição, aquela que chama de uma real definição, consoante a qual o trabalho é “todo esforço habitual do ser humano ordenado a um fim<sup>4</sup>”.

<sup>3</sup> LIMA, Alceu Amoroso. **O problema do trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1956a. p. 41.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 43.

Tal definição é bem mais completa, não se limitando a tão somente identificar o trabalho com o esforço, pois não só o homem se esforça; existem três tipos de esforços. Há o esforço *mecânico*, caracterizado pelo trabalho das forças físicas da natureza, captado ou não pela inteligência humana, é em tal domínio que se encontra a máquina. O trabalho mecânico é um trabalho heterogêneo, pois se trata de uma força que vem de fora e que, posteriormente, será aproveitada ou não pelo homem; há também o esforço *instintivo*, trata-se do trabalho animal, só chamado de trabalho por uma analogia ao trabalho humano; finalmente, encontra-se um terceiro tipo de esforço, o esforço humano. Trata-se do *trabalho racional, livre e habitual e ordenado a um fim*.

Pode-se dizer que só o homem realmente trabalha, pois a máquina e o animal são trabalhados. O caráter de racionalidade e liberdade do trabalho fazem com que não seja satisfatória uma definição puramente nominal do fenômeno. Sendo o verdadeiro trabalho caracterizado pela liberdade e racionalidade, a escravidão só pode ser considerada como uma caricatura do autêntico trabalho, pois, na escravidão, verifica-se um esforço, mas não um esforço livre. Uma outra característica do autêntico trabalho humano é a sua habitualidade, pois o trabalho não é uma atividade acidental, é habitual, é algo que vai sendo realizado ao longo da vida, é preciso tempo para que o hábito do trabalho se concretize. Veja-se a criança, ela não foi feita para o trabalho, embora o trabalho nasça com o sopro vital, mas à medida que cresce, vai adquirindo o hábito do trabalho. Evidentemente, ao hábito do trabalho deve corresponder o repouso. O trabalho humano deve também ser intencional, deve ser fecundo; o que alegra verdadeiramente o homem é o fruto do trabalho e não a recompensa (o salário), pois só está completo o trabalho que dá fruto, que visa a uma obra nova. O trabalho humano possui, pois, quatro notas características: racionalidade, liberdade, habitualidade e intencionalidade fecunda.

O aspecto mais inovador da compreensão ofertada por Alceu Amoroso Lima aos seus leitores transparece na apresentação de um “ideal social”, assim expresso pelo autor:

Um operário tem menos possibilidade de atuação que um intelectual. E este menos que um apóstolo. *O ideal social é que todo operário seja, simultaneamente, um intelectual e um apóstolo.* Como pode ser. É o ideal de uma civilização honestamente trabalhista ... sem romantismo nem utopia<sup>5</sup>.

Entende o autor que, para se chegar a uma sociedade autenticamente trabalhista e que seja, ao mesmo tempo, uma sociedade justa e fraterna, deve-se passar, necessariamente, pela valorização do trabalho manual. Por isso, *todo operário manual tem de se instruir*, pois a ignorância é sempre ilegítima; daí a necessidade de o trabalho intelectual e o trabalho espiritual agirem sobre o trabalho manual, não para torná-lo mais produtivo, embora esta seja uma das consequências da racionalização do trabalho, mas para torná-lo mais digno, mais humano.

A função moral do trabalho eleva e aperfeiçoa tanto o trabalho manual como o trabalho intelectual, uma vez que há uma elevação gradual que não isola nem desvaloriza os anteriores, mas, pelo contrário, integra-os e valoriza-os. Por isso a permanência voluntária num mesmo estado se constitui numa decadência. O operário que não quer aperfeiçoar-se está desprezando o valor do trabalho manual autenticamente compreendido. O intelectual que fica fechado em si mesmo está sendo egoísta. Como a ação do posterior é sempre maior que a ação do anterior, conclui-se que o egoísmo do intelectual prejudica mais a sociedade do que o egoísmo do operário.

O homem é em grande parte aquilo que faz, pois o trabalho exerce uma enorme influência sobre a vida humana, por isso se pode dizer que, em grande parte, o homem se torna aquilo a que o leva seu trabalho. Assim sendo, o aperfeiçoamento do trabalho leva a uma maior humanização. Isso significa que um operário tem de ser inteligente e apostólico; um intelectual tem

---

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 75.

de ser também um apóstolo, embora não precise ser um trabalhador manual; um apóstolo tem de ser um autêntico apóstolo, embora não precise ser necessariamente nem um intelectual, nem um operário.

O operário não pode contentar-se com a mediocridade, deve querer a racionalização do trabalho manual; desse modo, ele está valorizando a sua condição de operário. O operário não pode ficar reduzido ao “manual”, pois não é a mão que trabalha, é o homem todo que está inserido na ação. O operário não pode contentar-se em ser um escravo da máquina, deve, isto sim, ser o senhor dela, tendo em vista um trabalho de melhor qualidade. O mesmo vale para o intelectual, para quem a perfeição deve passar pela finalidade cultural alcançada e o exemplo moral realizado. O intelectual atinge esta meta à medida que se abre ao mundo, comunicando em vez de fechar-se egoisticamente.

O apóstolo deve guiar-se pela lei da “expansão social”, que consiste em “irradiar para não decair”, comunicando toda riqueza moral à coletividade como também à vida sobrenatural, através da comunhão dos santos. Todavia, seja apóstolo, seja intelectual, seja operário, é sempre o homem que trabalha e não a matéria, o intelecto ou a espiritualidade, por isso em qualquer condição de trabalho é possível buscar a perfeição. O caminho para a perfeição total passa, contudo, pela reunião das três categorias de trabalho numa só. Para que o trabalho seja

... a expressão mais imediata e mais fiel da personalidade humana, síntese do que temos em nós de indivíduo e de pessoa, é preciso que o trabalho seja sempre governado pela lei da integridade, da totalidade, da perfeição. O trabalho, *em cada categoria*, é tanto mais perfeito, quanto mais realizar não só a própria *mas as demais categorias*<sup>6</sup>

Assim sendo, o grande mal a ser evitado, devido às consequências ruins para o homem e para a sociedade, é o *isolacio-*

---

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 80.

nismo. É certo que em cada categoria de trabalho há um *predomínio*, mas isso não justifica um fechamento às demais categorias. O ideal é que cada homem seja, ao mesmo tempo, um operário, um intelectual e um apóstolo. Esse deve ser, consoante Alceu Amoroso Lima, o tipo de humanidade a que se deve almejar; não se trata de um romantismo, é um ideal possível, pois é expressão de uma realidade, uma vez que ‘todo homem é, ao mesmo tempo, um operário, um intelectual, um apóstolo, *ao menos em potencial*’<sup>7</sup>. O trabalho deve ser o mais fiel reflexo do homem, daí ser a reabilitação do trabalho manual, a grande tarefa da civilização que se encontra “no limiar da *idade nova*” Isso se dará pela racionalização e espiritualização do trabalho manual, redundando na instauração de uma civilização equilibrada e justa.

A fim de percebermos o valor filosófico da reflexão de Amoroso Lima sobre o trabalho, será analisada a visão de homem e da sociedade, presentes em sua obra; a partir disso, poder-se-á então constatar a relevância de sua reflexão.

## 1 O homem e o trabalho

Quem é o homem para Alceu Amoroso Lima? Sua antropologia está absolutamente enraizada na “concepção católica da vida”, daí que o humanismo de Alceu é, necessariamente, um humanismo cristão, que

... vê no homem a sua essência eterna e considera-o sempre sob esse ângulo... De modo que, em qualquer momento de tempo, o que há de eterno no homem deve, não aniquilar, mas dominar o que há nele de moderno. E isso segundo o princípio fundamental de que o eterno é *superior* ao moderno, por ser este um simples acidente no homem e aquele a sua própria natureza<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 81.

<sup>8</sup> LIMA, Alceu Amoroso. **Idade, sexo e tempo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1956b. p. 189.



É a partir, pois, dessa visão cristã, na qual transparece sem sombras a transcendentalidade humana que Alceu concebe o homem como alguém que não pode explicar-se a si mesmo, pois tem uma origem e um destino ligados a Deus. O homem está presente no mundo, mas o homem não se reduz ao mundo, daí a razão de em “Idade, Sexo e Tempo”, obra de 1938, em que o autor busca compreender quem é afinal o homem, ele dizer que

o homem é uma passagem, um ponto de ligação entre o mundo e Deus. O mais alto dos seres na escala animal, o mais baixo, na escala angélica, fecha o homem o mundo da matéria e abre o espírito... Não é ele o mais alto dos seres, nem um ser equivalente aos demais. Faz parte de uma ordem geral, em que é o mais alto, em relação a alguns, o mais baixo em relação a outros, mas nunca *o mesmo* que os demais<sup>9</sup>.

Sendo ponto de ligação entre Deus e o mundo, o homem exerce também um papel na história. Amoroso Lima não aceita uma visão determinista e concebe o homem como o senhor da história, pois é ele que faz a história, mas não é senhor absoluto de si mesmo, pois Deus é o senhor do homem. As relações entre o homem e a história e entre homem e Deus, não são contraditórias, mas harmoniosas, pois como nos diz Miguel Spinelli,

matéria e espírito (espírito e mundo) se unem no pensamento de Alceu Amoroso Lima para formar uma única realidade: o homem. No entanto, Alceu Amoroso Lima sabe que o posto humano é um lugar privilegiado na ordem do universo, e que o homem não esgota em si, nem o espírito e nem a matéria. Sabe também que esta união não é apenas um problema a se estudar, mas um mistério a se contemplar. Esta é, aliás, a sua crença<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 190.

<sup>10</sup> SPINELLI, Miguel. Alceu Amoroso Lima: contribuição para o estudo e leitura crítica de sua obra. **Revista Brasileira de Filosofia**. v. XXXI, fasc. 121, p. 25, [s.d].

Alceu define o homem como indivíduo e pessoa, sendo as características *individuais* aquelas que aproximam o homem das vidas animal, vegetal e física. As características *pessoais* são aquelas que o aproximam da vida divina. Constitui o homem um conjunto de elementos biológicos, intelectuais, mas também transcendentais; seu trabalho será igualmente marcado por essas características; daí a existência de três tipos de trabalho: manual, intelectual e espiritual. Consoante Alceu, tais tipos são somente representações diversificadas do único trabalho humano, não havendo um que possa ser considerado como superior ao outro, por tal razão, entende, como se viu, que o ideal social é que todo operário seja, ao mesmo tempo, um intelectual e um apóstolo.

Alceu Amoroso Lima chama a atenção para a necessidade de uma constante “personalização do homem”, embora ele sempre seja indivíduo e pessoa. Ora, uma das formas de o homem se tornar “pessoa” é pelo seu trabalho. Ser mais pessoa, ou seja, ser plenamente homem significa, para o autor, uma abertura a Deus e ao outro. O trabalho deve ser um caminho para que essa abertura se possa concretizar, pois é pelo trabalho que o homem estabelece suas relações com o mundo, bem como o autêntico trabalho, na visão de Alceu, aquele que é realizado com desinteresse, amor e alegria se constitui numa “bênção” para o homem e agrada a Deus.

Quem é, então, para Alceu Amoroso Lima, o homem trabalhador? Parece-nos poder dizer que o homem trabalhador para o autor de “O Problema do Trabalhador” é o homem que realiza plenamente a sua personalização. Não é efetivamente o que ocorre, mas este é o ideal que Alceu Amoroso Lima defende e, mesmo sabendo das dificuldades, busca-o e, acima de tudo, prega-o pelo “apostolado do livro”.

Para compreender bem a pretensão do autor, importa saber que, em seu entendimento, a sociedade de seu tempo estaria passando de uma fase em que a primazia é do capital, para uma fase cuja primazia será do trabalho. Importa, pois, que o trabalho,

ocupando o lugar central, seja fonte de felicidade para o homem que o realiza. E por isso que Alceu defende incansavelmente a ideia de uma “racionalização do trabalho”, a qual nada mais é do que criar as condições para que o trabalho seja cada vez mais humanizado. Essa humanização não deve visar somente a um aumento de produtividade, ainda que reconheça que ela é, no mais das vezes, a consequência de um trabalho mais humano.

Para Amoroso Lima, o trabalho deve proporcionar a plena realização vocacional do trabalhador, não importando se é trabalho manual, intelectual ou espiritual. Alceu Amoroso Lima, olhando a sociedade da metade do século XX, percebia que os acontecimentos não estavam em conformidade com essa sua concepção de trabalho e do homem trabalhador. O que havia na sociedade? Imperavam justamente os preconceitos, as diferenças e a *certeza de que o trabalho manual é inferior a qualquer outro tipo de trabalho*. O manual, com efeito, era relegado a uma condição inferior, como se não comportasse nada de digno. Essa foi a realidade percebida por Alceu não só ao escrever “O Problema do Trabalho”, mas até posteriormente, pois é a maneira com que, ainda hoje, nossa sociedade vê essa questão. De fato, vê-se o trabalhador manual, frequentemente, sendo desprezado, os preconceitos continuam a existir e a discriminação não fica restrita somente ao preconceito, ela é, não raro, também expressa pelos salários. Com efeito, os trabalhadores manuais, com raras exceções, são portadores de piores salários e de níveis de vida bem mais baixos que outros.

Amoroso Lima bem percebeu isso e viu, claramente, que dessa forma jamais poderia haver a plena realização para o homem trabalhador. Por isso, ao lado do crescente processo de racionalização do trabalho, ou seja, de tirar do trabalho toda escória, tornando-o cada vez mais humano, ao lado dessa humanização, fazia-se necessário algo mais, que só uma autêntica reflexão sobre o trabalho poderia fazer vir à tona: um ideal social. Esse proposto por Alceu, como se viu é que todo operário seja, ao mesmo tempo, um intelectual e um apóstolo.

Nesse ideal social, nosso autor expressa seu desejo de ver o trabalho, especialmente o trabalho manual valorizado, pois a dignidade do homem trabalhador não está no tipo de trabalho que realiza; a dignidade e a superioridade estão no modo como o trabalho é feito. É por isso que o trabalho possui um valor que transcende qualquer modismo trabalhista, constituindo-se na visão de Alceu, como sendo uma expressão da verdade e não simplesmente da atualidade.

Para ele, o valor do trabalho está na perfeição e o valor da vida está na proporção do ideal alcançado ou não, em qualquer tipo de trabalho. Mas, para que o homem trabalhador, especialmente o trabalhador manual, chegue à plena realização de sua vocação de homem, é preciso que haja uma integração entre as diversas dimensões: manual, intelectual e espiritual. Segundo o autor, o homem não é só força, ou só razão, ou só espiritualidade. Ele é tudo isso, ao mesmo tempo, embora, em cada homem, exista o *predomínio* de uma atividade. O trabalho deve ser o reflexo mais fiel do homem, mas não do homem diminuído, desfigurado, e sim do homem feliz, do homem que ama e é amado. Por isso precisa-se de uma nova concepção do trabalho; daí ser, para Alceu, a colocação do trabalho manual no lugar que merece, a grande tarefa a ser executada ainda no “limiar” do que ele identifica como uma Idade Nova.

A valorização do trabalho manual é, a nosso ver, o que de mais importante podemos extrair da reflexão sobre o trabalho, empreendida por Alceu Amoroso Lima. Parece-nos encontrar aí, a sua grande contribuição e, até mesmo, a sua atualidade. Vejamos agora a ideia de sociedade oriunda do pensamento de nosso autor.

## **2 A sociedade e o trabalho**

Intimamente ligada à concepção de sociedade está, na obra de Alceu Amoroso Lima, a ideia de uma *Idade Nova*. O que seria a Idade Nova? Nem sempre se percebe uma significação única para o termo. Em alguns textos, parece-nos entender por

Idade Nova aquele novo período que viria após a fase de transição em que o capital vai deixando de ter a primazia sobre o trabalho. É nesse sentido que o autor dirá em “*Comentário à Populorum Progressio*”:

Tudo indica que o mundo está passando de uma fase da primazia do capital, que veio crescendo desde o início dos tempos modernos, com o advento do capitalismo e a introdução da máquina, para uma fase da primazia do trabalho, que começou teoricamente depois da Revolução Francesa e praticamente depois da Revolução Russa. Qualquer que seja a nossa posição, de aceitação ou de rejeição desse fato, creio ser impossível a qualquer observador desapaixonado negar esse dado imediato da evolução da história contemporânea<sup>11</sup>.

Em outros momentos, como por exemplo, em “*Mensagem de Roma*”, no capítulo destinado à nova ordem social, a ideia de uma nova época, de uma Idade Nova aparece ligada muito fortemente a de um período marcado pela realização da ordem social cristã na sociedade:

O que a Mensagem de Roma nos manda não é nos evadirmos, nem dissuadirmos os outros da procura. Nem a vaidade de procurar Novas Ordens Sociais, todas condenadas a florescer alguns séculos e depois murchar e morrer, - mas sim ... participar *lado a lado* do grande clamor dos homens a procura de uma sociedade mais feliz e mais humana... Não fiquemos, pois farisaicamente, a beira da corrente, sorrindo daqueles que hoje vivem ou morrem, por toda parte, a procura de uma Nova Ordem do mundo ... Procuremos unir-nos ... com todos os homens de bem, para procurar uma Verdadeira Idade Nova<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> LIMA, Alceu Amoroso *Comentários à Populorum Progressio*. Petrópolis: Vozes, 1969. p.65.

<sup>12</sup> LIMA, Alceu Amoroso. *Mensagem de Roma*. Rio de Janeiro: Agir, 1950. p. 293.

Numa síntese das posições anteriores, a Idade Nova aparece, de uma forma bem mais clara e definida, na obra “*Elementos de Ação Católica*”, publicada em 1938, e que recebeu em uma outra edição, de 1946, o título de “*Pela Cristianização da Idade Nova - Volume I - Teoria*”. Nessa obra, aparece a Idade Nova como sendo uma nova época “onde vamos”. É necessário, contudo que essa “Idade Nova” seja cristianizada de modo a tornar-se a sociedade “para onde devemos ir”. Nesse sentido, a Idade plenamente Nova seria a nova cristandade<sup>13</sup>.

Ao analisar, em “*Elementos de Ação Católica*”, o panorama social da época, tendo em vista a pergunta “para onde vamos”?, o autor vê diversos caminhos: o liberal, o socialista, o nacional-totalitário e o cristão. Deixando de lado o último, o caminho “para onde se deve ir”, o caminho do cristianismo, Alceu entende que nenhum deles prevalecerá, sendo a maior tendência aquela que aponta para uma síntese de diversos caminhos:

A Idade Nova, que se oculta a nossos olhos, incapazes de profetizar, nas sombras do século XX que nos resta a viver, será sobretudo imprevisível nas suas formas de organização sócio-política. E muito provavelmente tomará dos regimes atuais alguns dados para com eles formar novas formulas políticas e econômicas ... caminhamos, no século XX, para regimes essencialmente mistos, em que se confundem as realizações dos regimes puros, instalados aqui e ali<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> E nesse sentido que também Miguel Spinelli entende a Idade Nova: “Alceu Amoroso Lima perscruta o que ele entrevê de Idade Nova, substrato de esperanças e de novas perspectivas de modernidade. A sua análise detém-se com o ‘limiar’, ou seja, com aqueles acontecimentos que formavam, a seu ver, o pré-anúncio desta ‘Idade Nova’, uma idade de ouro, de nova Cristandade” (SPINELLI, [s.d], p. 21 ).

<sup>14</sup> LIMA, Alceu Amoroso. **Elementos de ação católica**. Rio de Janeiro: ABC, 1938. p.143.

Tais regimes teriam traços comuns, positivos e negativos, mas Alceu Amoroso Lima não acredita que nenhum deles isoladamente, nem mesmo uma síntese de todos eles, ainda que só nos aspectos positivos, possa satisfazer plenamente os homens, por isso surge a necessidade de apontar um novo caminho “para onde devemos ir”, ou seja, uma Idade Nova integralmente cristã, na qual

... os homens todos aceitassem a lei do amor intensamente vivida, em cada momento de sua vida, individual ou social ... Não temos a ilusão de chegar integralmente a esses tempos ... pois sabemos que só podemos alcançar na terra, qualquer que seja o regime político e econômico dominante, uma felicidade relativa e limitada - mas podemos trilhar um quarto caminho que nos leve a uma Idade Nova, penetrada do espírito da Nova Cristandade<sup>15</sup>.

Esta ideia de uma Idade Nova fundamentada numa Nova Cristandade, presente nas obras de Alceu Amoroso Lima, seria um caminho que se impõe diante dos erros das sociedades passadas e mesmo daqueles que se faziam presentes no século XX. Uma nova sociedade, mais fraterna e mais justa é o ideal de Alceu Amoroso Lima. Essa nova sociedade seria fundamentada numa “concepção católica da vida”, cujos elementos sobrenaturais não são menosprezados, antes, são colocados como fundamentos do social.

Essa concepção aparece em todas as suas obras, por isso ele pode observar em “O Problema do Trabalho” que o “mistério da iniquidade” está presente na sociedade, mas que a ele se contrapõe o “mistério da salvação”, sendo necessária uma “sociologia poética” para compreender tais antinomias. O homem e a sociedade, com tudo o que ela contém, devem ser guiados pelo princípio de transcendência; único capaz de fornecer uma visão integral do homem e da sociedade. Essa visão integral não seria

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 148.

outra coisa que a visão cristã, tal como se acha expressa nos documentos pontifícios.

É por tal motivo que Alceu, embora achando difícil uma transformação social pacífica, crê que ela seja possível, pois entende que o ideal sempre prevalece sobre as circunstâncias. Vê-se isso de modo bem claro em obra da fase ainda não plenamente “progressista”, quando em “*Pela Cristianização da Idade Nova (II): prática*”, o autor, mesmo concordando que as diferenças de classes se constituíssem em algo natural, sendo mesmo uma “garantia da liberdade”, Alceu, embora não compartilhando do espírito revolucionário, vê nele, elementos positivos:

Bem sabemos que a fase atual da história social é a da conquista do poder pelo proletariado. Embora sob múltiplos aspectos essa é a *lei, fundamental dos nossos tempos*. Não o será talvez para nossos dias. Nem o será sem lutas terríveis. *Mas será*. E será, ou beneficiada pela experiência da história, ou repetindo os erros da história. Se sou e sempre fui contra a Revolução, é que vejo no *espírito revolucionário* o desconhecimento das qualidades supremas do espírito cristão. Isso não impede que veja, nas reivindicações revolucionárias ... muita coisa que será absolutamente contida no conjunto de verdades a serem restauradas ou instauradas por uma sociedade futura, mais justa e mais normal<sup>16</sup>.

E essa postura aberta que nos parece - foi fundamental para que o pensamento de Alceu Amoroso Lima evoluísse na análise do social. No trecho acima citado, percebe-se bem essa abertura do autor, pois, embora embasado em ideias que superaria mais tarde<sup>17</sup>, ele já tinha a capacidade de perceber valores

---

<sup>16</sup> LIMA, 1946b., p.140.

<sup>17</sup> Em sua fase mais progressista, Amoroso Lima não mais admitirá a diferença de classes como algo natural. Em “Memórias Improvisadas”, declarou a Medeiros Lima que o grande pecado da cristandade burguesa foi justamente o fato de aceitar como uma lei sociológica e, até mesmo divina, a divisão da humanidade entre ricos e pobres (Cf. LIMA, Alceu Amoroso.



importantes nas concepções de que não compartilhava. O grande mérito da concepção social de Alceu é que, embora percebendo, de modo claro, as dificuldades concretas de realizar a “Idade Nova”, fundamentada no cristianismo, ele não cede às dificuldades e mantém sempre sua postura de não esmorecimento, fazendo sempre emergir aquela visão de sociedade projetada como um ideal a que se deve sempre tender.

Seria então a Idade Nova um sonho irrealizável? Não. Alceu deixa claro que é possível a construção de uma sociedade cristã, embora entenda que a plena realização do homem só se dará na “visão beatífica”. Mas, enquanto trilha os caminhos terrenos, o homem deve empenhar-se na construção de uma sociedade, conforme o cristianismo. Em sua fase mais progressista, vê sinais dessa nova época na sociedade e na Igreja brasileira<sup>18</sup>.

O autor não deixa também de apontar alternativas práticas rumo a uma mudança social; entre elas, estaria o ‘distributismo’ aplicado à economia, a cogestão no mundo do trabalho, o papel importante do apostolado e da educação etc. Tudo isso tendo em vista uma democracia social. De todas essas ideias a que talvez tenha recebido uma consideração por parte do autor foi o *distributismo*. Em 1956, na obra “*A Vida Sobrenatural e o Mundo Moderno*”, ele dirá: “Não me arrependo de ter escrito que voltei da Europa cada vez menos capitalista, cada vez menos socialista, e cada vez mais distributista<sup>19</sup>”. Em sua última fase reafirmara tal posição, declarando a Frei Betto que

em 1926, fiz uma conferência intitulada *o distributismo*, em busca de uma solução sintética entre o capitalismo e

---

**Memórias improvisadas.** Petrópolis: Vozes, 1973. p. 261ss.).

<sup>18</sup> Na entrevista concedida a Frei Betto, por ocasião dos 85 anos de Alceu, este elogiara o movimento dos operários do ABC paulista, ao mesmo tempo que demonstrara sua simpatia pelas Comunidades Eclesiais de Base e a “sadia crise institucional” que elas provocam na Igreja.

<sup>19</sup> LIMA, Alceu Amoroso. **A vida sobrenatural e mundo moderno.** 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967. p. 201.

o socialismo. Já se apresentava aí essa convicção que carrego até hoje, de uma nova ordem social onde a liberdade individual deve coexistir com a justiça social<sup>20</sup>.

A preocupação de Amoroso Lima, contudo, não é a de apresentar soluções práticas, para que se processe do modo desejado a transição para a Idade Nova. O que ele pretende é ajudar a que se vislumbre uma teoria e que essa teoria possa, por sua vez, servir de instrumento para fundamentar a prática.

Seria fugir do objetivo, que ora nos faz debruçar sobre o pensamento de Alceu Amoroso Lima, analisar mais detalhadamente sua visão de sociedade. O que nos cabe, no momento, tendo visto, ainda que de modo muito sucinto, como o autor concebe uma sociedade ideal, é verificar qual o papel que o trabalho humano desempenha nessa Idade Nova.

O trabalho é fundamental na concepção da Idade Nova, pois, na visão de Amoroso Lima, constitui-se no espelho de uma sociedade. Dessa forma, na Idade Nova, há uma sociedade mais fraterna, marcada pela justiça, cujos valores humanos estarão integrados e purificados pelos valores do autêntico cristianismo. Nessa nova idade, o trabalho verdadeiramente dignificado ocupará um papel central, uma vez que a Idade Nova será o oposto da “Idade Velha”, ou seja, aquela caracterizada por uma civilização economicista, em que os valores econômicos suplantam os valores espirituais e intelectuais. Na “Idade Velha”, o homem está voltado para si mesmo e o mundo é dominado pelos mais fortes sob o ponto de vista econômico. Para Alceu, a “Idade Velha” é a idade da burguesia, na qual o que verdadeiramente interessa é o capital, cujo ideal a ser atingido é trabalhar para ter rendimentos e ter rendimentos para não mais trabalhar. Alceu Amoroso Lima entende que com o fim das guerras e a crescente ascensão das massas, a “Idade Velha” estaria morrendo, uma vez que a huma-

---

<sup>20</sup> Entrevista de Alceu Amoroso Lima a Frei Betto em “Encontros com a Civilização Brasileira” N° 6, 1978, p. 210.

nidade começaria a caminhar, ainda que a passos lentos, rumo a Idade Nova.

Vê-se, a partir dessa visão de Alceu, que uma sociedade só está bem, se sua concepção de trabalho é boa. Decorre daí que uma mudança social passa necessariamente por uma mudança no modo de ver o trabalho, pois a degeneração social é consequência da degeneração do trabalho, assim como a restauração social é fruto da restauração do mesmo. Por isso, a Idade Nova necessita, para que se torne uma realidade, uma nova visão de trabalho, em que este esteja generalizado por toda a sociedade, deixando de ser visto como um peso, passando a ser visto como um bem para o homem. Dessa forma, todo o trabalho, inclusive e principalmente o trabalho manual será colocado no devido lugar, não podendo ser objeto de discriminação e menosprezo.

Alceu Amoroso Lima parece-nos ter *duas convicções inabaláveis* no que se refere a essas relações entre trabalho e sociedade: a primeira é que *a Idade Nova será marcada pelo primado do trabalho*; a segunda certeza é o fato de que *nem socialismo, nem capitalismo poderiam construir essa Idade Nova*. Por isso, em suas “*Memórias Improvisadas*”, dirá a Medeiros Lima que

o proletariado é uma classe em ascensão. A burguesia é uma classe em decadência. Do século XIX ao século XX nos vimos assistindo a uma contínua ascensão do trabalho como fator dominante, intimamente ligado ao próprio domínio crescente da tecnologia. Observa-se com isso uma intensificação do processo de ascensão social das camadas demográficas diretamente ligadas ao trabalho tanto manual como intelectual<sup>21</sup>.

Essa nova sociedade, marcada pela intensa dignificação do trabalho, encontra, na visão de Amoroso Lima, seu fundamento na mais autêntica concepção cristã. Por isso, o autor, diversas vezes, ao longo de sua obra, procurara deixar claro que o trabalho

---

<sup>21</sup> LIMA, 1973, p-265.

nunca foi considerado pelo cristianismo como uma “maldição”. Pelo contrário, para Amoroso Lima, o fato de Jesus Cristo ter exercido um trabalho, mais ainda, um trabalho manual e desprezado, vem a comprovar que o trabalho, na visão autenticamente cristã, seria um instrumento de santificação.

A redignificação do trabalho, que levará à Idade Nova, a uma redignificação da sociedade, passa por uma clara consciência dos preceitos da concepção cristã, mas também da análise da mais autêntica antropologia; mesmo prescindindo-se dos dados da fé, pode-se chegar pelo estudo da “lei natural” à conclusão do valor do trabalho humano. Percebe-se claramente na obra de Alceu Amoroso Lima que o homem só é homem plenamente através do seu esforço de personalização expresso no trabalho. Ora, esse dado antropológico não se restringe a individualidade humana, mas exerce forte e imprescindível repercussão social.

O “princípio de autonomia”, que mostra que o trabalho é um *valor em si*, é complementado necessariamente pelo “princípio de seleção”, segundo o qual o trabalho deve ser sempre aperfeiçoado tendo em vista o bem do homem e pelo “princípio de comunidade”, aquele que evidencia o papel social do trabalho; ou seja, o trabalho surge aí como o fundamento do bem comum.

Até aí uma autêntica antropologia social poderia chegar. Mas Alceu, coerente com sua cosmovisão cristã, sente necessidade de fundamentar toda sua análise sobre o problema do trabalho e da sociedade com algo mais. Esse algo mais não é secundário, mas absolutamente fundamental para o autor. Trata-se do caráter transcendente do homem e a influência de tal transcendentalidade no trabalho e, conseqüentemente, na sociedade.

Alceu dirá então que, da mesma forma que a “lei natural”, se bem compreendida, revela o valor do trabalho na sociedade, também a “lei sobrenatural revelada” levará ao entendimento de que o trabalho é o centro e o fundamento de uma sociedade bem constituída. Por isso, o “princípio de transcendência” aparece como o complemento dos demais (autonomia, seleção e comunidade), mostrando que Deus é a medida do trabalho humano

e, por conseguinte, o trabalho além de ser fundamento do *corpo social* é também parte do *corpo místico*.

Não foi intenção deste trabalho analisar mais profundamente a visão social ao longo da obra de Alceu Amoroso Lima. Teria sido interessante, pois poderia vislumbrar-se a evolução social deste pensador que, na década de 30 simpatizava com as ideias integralistas e que, na década de 80, buscava subsídios para estudar a teologia da libertação. O que se procura, no entanto, foi ver as principais características da “Idade Nova”, destacando o papel fundamental do trabalho. Pode-se concluir que Amoroso Lima demonstra aí seu projeto filosófico-cristão de pretender a construção de uma nova sociedade em que o fundamento de tudo será o amor e o trabalho exercer um papel central.

Novamente o autor se depara com o modo típico de Alceu Amoroso Lima conceber a realidade: projetar o ideal, para que se possa paulatinamente buscar sua construção. A proposta de Alceu é nunca se satisfazer com as pequenas conquistas, seu objeto é sempre encontrar o ideal projetado. O trabalho, pois, exerce um papel insubstituível neste *projeto* que quer ser a reflexão de Alceu Amoroso Lima.

Embora visando ao ideal, o autor não deixa de considerar os pequenos passos dados. Ligada à ideia de uma Idade Nova a ser alcançada a longo prazo, mas que deve começar a ser construída está a simpatia do autor, em sua fase mais progressista, pelo socialismo democrático:

Pessoalmente me inclino, cada vez mais, por um socialismo democrático em que a justiça e a liberdade sejam concomitantemente respeitadas como valores morais e sociais intrínsecos em qualquer sociedade racional e humanamente organizada<sup>22</sup>.

A maneira como Alceu Amoroso Lima compreende o social sofreu, inegavelmente, evoluções ao longo de sua obra,

---

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 266.

mas em qualquer fase dessa mesma obra, sempre considerou o trabalho como fator fundamental para a compreensão da sociedade. Constatamos que sua maneira de ver o trabalho não se modificou, embora se tenha transformado a maneira de encarar o social. Contudo, tanto em sua fase conservadora, quanto na fase mais progressista, reconheceu a importância do trabalho para a compreensão do homem e da sociedade, isso porque os fundamentos filosóficos do trabalho, na concepção de Amoroso Lima se mantiveram constantes. Esses fundamentos não eram outros a não ser o trabalho como estrutura do homem e da sociedade. A mais autêntica antropologia e a mais autêntica concepção de transcendentalidade humana seriam a garantia e a relevância desse projeto de Alceu Amoroso Lima.

### **Referências**

LIMA, Alceu Amoroso. **Elementos de ação católica**. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

\_\_\_\_\_. **Pela cristianização da idade nova (1): teoria**. Rio de Janeiro: Agir, 1946a.

\_\_\_\_\_. **Pela cristianização da idade nova (1): prática**. Rio de Janeiro: Agir, 1946b.

\_\_\_\_\_. **O problema do trabalho**. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

\_\_\_\_\_. **Mensagem de Roma**. Rio de Janeiro: Agir, 1950.

\_\_\_\_\_. **O problema do trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1956a.

\_\_\_\_\_. **Idade, sexo e tempo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1956b.

\_\_\_\_\_. **A vida sobrenatural e mundo moderno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

\_\_\_\_\_. **Comentários à *Populorum Progresso***. Petrópolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. **Memórias improvisadas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SPINELLI, Miguel. Alceu Amoroso Lima: contribuição para o estudo e leitura crítica de sua obra. **Revista Brasileira de Filosofia**. v. XXXI, fasc. 121, p. 25, [s.d].

